

Tales Faria

Jaques Wagner e Davi Alcolumbre se reaproximam, mas não muito

A reportagem da revista *Veja* segundo a qual, em nova proposta de delação premiada, o ex-banqueiro Daniel Vercaro cita pagamento de propina ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) e negócios com o PT da Bahia está promovendo a reaproximação entre Alcolumbre e o líder do governo, Jaques Wagner (PT-BA).

Os dois estavam praticamente rompidos desde que o Senado derrubou a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Mas velhas feridas ainda não cicatrizaram totalmente. Alcolumbre permanece culpando Wagner por ter trabalhado contra a indicação de seu candidato ao STF, o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG). Já o líder do governo continua achando que foi usado como desculpa pelo presidente do Senado para abrir guerra contra o Palácio do Planalto em busca de atendimento a seus pleitos pessoais pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

De qualquer maneira, os ressentimentos mútuos tiveram uma breve pausa nesta terça-feira, 16. Alcolumbre fez um pronunciamento “indignado” no plenário contra a reportagem, e Wagner subiu à tribuna não só para se defender, mas também para manifestar solidariedade ao presidente da Casa.

Alcolumbre, afirmou:

“Eu repudio, com toda a firmeza e com toda a indignação, o conteúdo dessa matéria. Jamais recebi aqueles valores, ou outros quaisquer, no Brasil ou no exterior, por qualquer motivo que seja. São alegações inteiramente falsas, com a única e aparente intenção de arrastar para a lama o meu nome,

a minha honra, a minha reputação. Vou repetir a Vossas Excelências: jamais recebi quaisquer valores em contas no Brasil ou no exterior. Isso, absolutamente, nunca aconteceu. Faço questão de afirmar isso para tranquilizar esta Casa, os senadores e as senadoras da República e a sociedade brasileira.”

A destacar que “o mal já está feito”, o presidente do Senado ameaçou:

“Aqueles que promoveram essas calúnias serão responsabilizados e serão punidos. O Brasil conhecerá o nome de quem tentou me envolver em um crime do qual sou absolutamente, repito, absolutamente inocente.”

Da tribuna, Wagner apontou para Alcolumbre e disse que estava ali “para se solidarizar”. “Esse ‘instituto da leviandade’ precisa ter um ponto final. A capa da *Veja* fala de uma delação inexistente, porque foi negada pela Polícia Federal e pela Procuradoria-Geral da República”, afirmou.

Também se mostrou irritado com as acusações sobre supostos negócios do PT da Bahia. “Já desafiarei vários a me mostrarem qual foi a investigação que encontrou algo sobre o meu comportamento ou do ex-governador Rui Costa”, [que até recentemente atuava como ministro-chefe da Casa Civil].

Wagner fez uma autocrítica sobre a legislação aprovada pelo governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT): a Lei das Organizações Criminosas. Avaliou que o Congresso cometeu um erro ao admitir a delação para pessoas presas, o que, segundo ele, abre margem para coações psicológicas.

Ao final, Alcolumbre acenou com a cabeça em agradecimento. E o gesto foi retribuído pelo líder.

Fernando Molica

O salto sem cordas da direita

As últimas pesquisas divulgadas, em particular a MDA/CNT, indicam que a direita e a centro-direita brasileiras foram gravemente feridas pela adição a Jair Bolsonaro. Ao pegarem carona acrítica com o ex-presidente, esses setores se deixaram levar pelo mais fácil, mergulharam no abismo certos de que cairiam num macio colchão de votos.

Diferentemente da jovem vítima dos irresponsáveis que a jogaram do alto de um viaduto, políticos de vários matizes — e até aqueles que não se preocupam com isso — dispensaram cordas ou quaisquer equipamentos de segurança quando pularam de cabeça no mito bolsonarista.

Mostraram-se fascinados por um sistema de conquista de votos que dispensava elaborações minimamente sofisticadas ou infundáveis estudos relacionados à economia e à administração pública, ignorava preceitos científicos e acadêmicos, desprezava técnicos que elaboram estratégias sofisticadas para sua equipe: era baseado na lógica do chute, do bola pro mato em jogo de campeonato.

O bolsonarismo acabou com o constrangimento sentido por políticos incapazes de formular alguma proposta; para ganhar eleição e ficar bem no story bastava gritar chavões e xingamentos, produzir cenas constrangedoras no plenário, alimentar o ódio nas redes. Criou uma espécie de atalho, como se fosse capaz de transformar em doutor em física nuclear alguém incapaz de somar dois mais dois.

Não se pode acusar Bolsonaro de ter escondido o jogo ou preparado surpresas. Desde o início de sua carreira política que ele joga aberto, nunca disfarçou seus pensamentos autoritários, sua defesa da tortura, sua aversão à democracia, suas posições

machistas e preconceituosas.

Na Presidência, não negou o candidato, fez ou tentou fazer o que prometera em relação ao meio ambiente, indígenas, direitos individuais e coletivos — tentou até mesmo aplicar o golpe que, anos antes, dissera que daria caso chegasse à Presidência. Na pandemia, dobrou a aposta no lado obscurantista.

É compreensível que setores da população sejam seduzidos por uma linguagem simplista, de viés religioso, de contestação ao sistema de plantão, às instituições que costumam ignorar quem mais delas precisa. Havia também bons motivos para que o PT fosse rejeitado.

Mas é imperdoável que políticos com anos e anos de mandato, tenham se deixado se levar. O oportunismo suplantou todas as precauções mínimas, relacionadas, no limite, à própria sobrevivência da democracia.

Não dá para esperar nada de parlamentares dedicados à mineração de recursos públicos — estes estarão sempre ao lado do cofre —, mas é surpreendente que quadros experientes tenham atirado contra a própria biografia ao renovarem a aposta no projeto autoritário e personalista incorporado por Bolsonaro.

Os sucessivos tropeços de Flávio Bolsonaro e a inexpressividade dos outros candidatos da direita mostram que a adesão irrestrita à uma aventura cobra seu preço. Eleições costumam reservar surpresas, mas a de 2026 aponta menos para uma vitória da esquerda e da centro-esquerda e mais para a derrocada dos que apostaram no abismo, que buscaram cordas apenas para se enforcarem.

EDITORIAL

Uma tragédia que já estava anunciada

A morte da jovem Maria Eduarda Rodriguez, de apenas 21 anos, na Ponte do Esqueleto, em Limeira, não pode ser tratada como um acidente isolado. Ela é o desfecho mais cruel de uma sequência de omissões, negligências e falhas que, há muito tempo, já davam sinais de que uma tragédia estava prestes a acontecer.

A Ponte do Esqueleto é conhecida pelo estado precário de conservação e pelo risco que oferece. O acesso ao local é proibido, existem registros de outros acidentes e a própria Prefeitura afirma que vinha cobrando providências do Governo Federal, responsável pela área, para reforçar a segurança e impedir invasões. Mesmo assim, pessoas continuaram entrando na estrutura para realizar atividades extremas.

Se a ponte deveria estar efetivamente interditada, também é preciso perguntar como uma empresa conseguiu promover saltos em um local sem autorização. O rope jump não é uma brincadeira improvisada. Trata-se de uma atividade de aventura que exige planejamento, protocolos rígidos de segurança, equipamentos certificados, equipes treinadas, análise de riscos e, principalmente, cumprimento das normas legais para funcionamento. Nada disso pode ser substituído pela confiança ou pela experiência informal.

O que as primeiras investigações revelam é ainda mais chocante: uma jovem foi lançada de uma altura de aproximadamente 40 metros sem

sequer estar presa à corda de segurança. Um erro elementar, incompatível com qualquer operação que se proponha profissional. Afinal, rope significa “corda” em português. Em uma atividade cujo próprio nome remete ao principal equipamento de proteção, a conferência da fixação deveria ser a etapa mais básica e indispensável antes de qualquer salto. Se confirmado, não se trata apenas de uma falha humana, mas da quebra do procedimento mais elementar de uma prática em que qualquer descuido pode custar uma vida.

Enquanto autoridades discutem de quem é a responsabilidade pela ponte, uma família enterra uma filha. Enquanto se debate competência entre município e União, uma estrutura reconhecidamente perigosa continua existindo. Enquanto empresas exploram atividades radicais sem a devida fiscalização, pessoas seguem acreditando que estão em um ambiente seguro.

Agora se fala em demolir a Ponte do Esqueleto e ampliar as investigações, inclusive com participação da Polícia Federal. Medidas importantes, mas que chegam tarde para quem perdeu a vida.

Quando riscos conhecidos deixam de ser enfrentados, quando áreas interditadas continuam acessíveis e quando atividades de alto perigo acontecem sem o devido controle, o resultado costuma ser sempre o mesmo. A conta da negligência quase nunca é paga pelos responsáveis. Quem paga é a vida humana.

Opinião do leitor

Transporte

Usuários do transporte público voltaram a reclamar das condições enfrentadas diariamente nos ônibus que atendem bairros periféricos de Barra Mansa-RJ. Entre as principais queixas estão atrasos frequentes, superlotação nos horários de pico e a redução do número de veículos em circulação.

Tadeu Soares
Barra Mansa-RJ

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.